

almasada

ARQUEOLOGIA | PATRIMÓNIO | HISTÓRIA LOCAL

ISSN 2182-7265 [semestral]

online

#29 (tomo 2) Jul. 2026

O LIDADOR

história social atlântica

nos Açores



CAA

Centro de Arqueologia de Almada



Capa | Jorge Raposo

Composição gráfica que tem por base fotografia subaquática do *Lidador*, embarcação a vapor construída em Londres, em 1873, que assegurou a rota Lisboa-Rio de Janeiro por um curto período, pois naufragou apenas cinco anos depois na baía de Angra do Heroísmo. É hoje um dos naufrágios mais visitados por mergulhadores recreativos no arquipélago dos Açores.

Foto | © José Luís Neto.



2.^a Série, N.º 29, Tomo 2, Julho 2026

Proprietário e editor |

Centro de Arqueologia de Almada,
Apartado 603 EC Pragal,
2801-601 Almada Portugal

NIPC | 501 073 566

Sede do editor e da redacção |

Travessa Luís Teotónio Pereira,
Cova da Piedade, 2805-187 Almada

Telefone | 212 766 975

E-mail | c.arqueo.alm@gmail.com

Internet | www.almadan.publ.pt

ISSN | 2182-7265

Estatuto editorial | www.almadan.publ.pt

Distribuição | <http://issuu.com/almadan>;
https://zenodo.org/communities/al-madan_online

Periodicidade | Semestral

Apoios | Associação dos Arqueólogos Portugueses / ArqueoHoje - Conservação e Restauro do Património Monumental, Ld.^a / Câmara Municipal de Almada / Dryas - Octopétala, Ld.^a / Cota 80-86, Unipessoal, Ld.^a / Câmara Municipal de Oeiras / Neopéica, Ld.^a

Director | Jorge Raposo
(director.almadan@gmail.com)

Publicidade | Centro de Arqueologia de Almada (c.arqueo.alm@gmail.com)

N a ocasião em que se discute a criação, nos Açores, de um Museu Nacional dedicado à Arqueologia Náutica e Subaquática, por petição pública entretanto apoiada unanimemente no respectivo parlamento regional, a *Al-Madan Online* destaca um dos sítios emblemáticos desse rico e diversificado Património arqueológico: aquele onde naufragou o vapor *Lidador*, em 1878, quando assegurava a rota atlântica que unia Lisboa ao Rio de Janeiro. Incorporado em parque arqueológico subaquático desde 2005, a integridade e o estado de conservação do destroço deste navio surpreendem os muitos mergulhadores recreativos que atraí à baía de Angra do Heroísmo. Mas evocam também um dos movimentos sociais mais relevantes do século XIX açoriano e português: o da emigração legal e clandestina para o Brasil, maioritariamente oriunda dos Açores e do Minho, num contexto que a historiografia viria a classificar de “*escravatura branca*”, por incidir essencialmente sobre mão-de-obra desqualificada e barata destinada a substituir o comércio de escravos africanos, cuja proibição fora decretada em 1850. Esse é o contexto económico e social que o naufrágio do *Lidador* também permite abordar. Outros estudos têm por tema a interacção de populações fenícias e indígenas no processo de formação de *Olisipo* e na estruturação do território envolvente ao longo do I milénio a.C., ou análises mais detalhadas dos selos de chumbo aplicados em mercadorias que chegaram ao Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, em Coimbra, ou ainda de um marco epigrafado que marcaria a divisão entre os terrenos ligados a este Mosteiro e à Quinta das Lágrimas, passando por um conjunto de materiais de Época Moderna recolhidos na Rua da Fé, em Lisboa, e por um olhar arqueológico sobre instrumento culinário recolhido em estruturas habitacionais do século XVI, em Silves. A Arqueologia de campo está representada por trabalhos em Moura, Lisboa e Leiria, enquanto outros artigos partem da realidade brasileira para uma reflexão mais abrangente sobre a teoria e a prática arqueológicas a aplicar em contextos de catástrofe, discutem como avaliar e registar situações dramáticas de isolamento sénior, e questionam os limites da Arqueologia contemporânea portuguesa. Por fim, a *Al-Madan Online* volta a dar atenção à arte do guadameci / “couro dourado”, agora a propósito de uma encomenda do início do século XVII destinada a decorar o Palácio de Estaus, sede da Inquisição de Lisboa. E o alinhamento encerra com noticiário breve de intervenções arqueológicas e de eventos científicos ou de divulgação, que acompanha a agenda dos anunciados para os próximos meses e a recensão e destaque de edições recentes. Tudo isto antecedido pelas crónicas de Arqueologia e Património que dão brilho às páginas iniciais desta edição. Como sempre, votos de que encontre bons motivos de leitura, com prazer e saúde.

Jorge Raposo, 28 de Junho de 2026

Conselho científico |

Amílcar Guerra, António Nabais,
Luís Raposo, Carlos Marques da Silva
e Carlos Tavares da Silva

Resumos | Autores e Jorge Raposo
(português), Luísa Pinho (inglês)
e Maria Isabel dos Santos (francês)

**Modelo gráfico, tratamento de
imagem e paginação electrónica** |
Jorge Raposo

Revisão | Autores e Fernanda Lourenço

Colaboram neste tomo | April M.
Beisaw, Tânia Casimiro, Maria João B.
Coelho, Ricardo Coelho, Rui Gomes

Coelho, Sara Cura, Vítor Durão, José
d'Encarnação, Allysson A. de Farias,
Vanessa Filipe, Sofia Fonseca, Marcos
T. E. Frota, Cristina Gameiro, Vanessa
Gaspar, Catarina Gomes, Rosa V. Gomes,
Sérgio Gomes, Susana Henriques, Martha
J. Hernández Velasco, Vítor O. Jorge,
Catarina C. Leal, Afonso Leão, Sebastião
L. de Lima Filho, António Marques,
Maria João Marques, Nicholas Márquez-
Grant, Victor Mestre, Manoel O. Moraes
Filho, Renato E. Moreira Filho, José
Luís Neto, Agustín Ortega-Esquínca,
Susana Pacheco, F. Donald Pate,

Franklin Pereira, Rui Pina, Rui Pinheiro,
Paulo Costa Pinto, Artur Rocha, Maria
Isabel F. Rodrigues, André Tomás Santos,
Filipe J. C. Santos, Joel Santos, Maria
do Céu Santos, Guilherme Sarmento,
João Sequeira, Bruno Silva, Sara Simões,
Vítor Rafael C. Sousa, Marco Valente
e Alexandra Vieira

Os conteúdos editoriais da *Al-Madan Online*
não seguem o Acordo Ortográfico de 1990.
No entanto, a revista respeita a vontade
dos autores, incluindo nas suas páginas tanto
artigos que partilham a opção do editor
como aqueles que aplicam o dito Acordo.

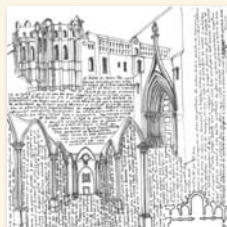
EDITORIAL... 3 ▶

CRÓNICAS

Esta louca correria... |
José d'Encarnação... 6 ▶



Conservar, reconstituir, mobilar
de passado o nosso presente | Vítor
Oliveira Jorge... 9 ▶



A questão do *bom senso* e do *bom gosto*
nas intervenções em Património: a liberdade
criativa enquanto processo de vivificação
da memória cultural | Victor
Mestre... 12 ▶

ESTUDOS



O *Lidador*:
um relevante
documento da História
social atlântica nos
Açores | José Luís
Neto... 16 ▶

Selos de Mercadorias:
os selos de chumbo do
Mosteiro de Santa Clara-
-a-Velha em Coimbra |
Maria João Bernardes
Coelho, Catarina Cunha
Leal e Maria do Céu
Santos... 32 ▶



Olisipo no Baixo Tejo:
estruturas territoriais e
processo de formação,
I milénio a.C. | Vitor
Durão... 46 ▶



Gabinete de Curiosidades.
Materiais de Época Moderna da
Rua da Fé, Lisboa | Artur
Rocha... 61 ▶

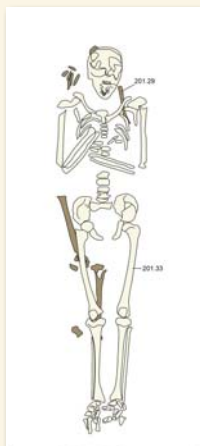


Uma Estrema Entre o Mosteiro de
Santa Clara-a-Nova e a Quinta das
Lágrimas (Coimbra): crónica de
um marco (re)descoberto na Rua
Cano dos Amores | Filipe J. C.
Santos e Maria Isabel Figueiredo
Rodrigues... 71 ▶



Carretilha: de utensílio
culinário a artefacto
arqueológico | Rosa Varela
Gomes... 78 ▶

ARQUEOLOGIA



A Arqueologia na
Reabilitação Urbana:
o caso da *Torre do Relógio*,
em Amareleja | Vanessa
Gaspar... 85 ►



Síntese dos Trabalhos Arqueológicos
Realizados no Viaduto do Campo Grande,
Torre Vicentina, Rampa de Garagem /
/ Metropolitano de Lisboa | Vítor Rafael
C. Sousa, Rui Pina, Bruno Silva,
Guilherme Sarmento e Catarina
Gomes... 94 ►



A *Casa Fabião* (Largo de São Pedro,
Leiria): os resultados dos trabalhos
arqueológicos recentes | Filipe
J. C. Santos... 107 ►

OPINIÃO

Digging up the present! Essay on Disaster Archaeology:
concept, definition, and its field of practice as a subfield of
Forensic Archaeology | Sebastião Lacerda de Lima Filho, Marcos Tadeu
Ellery Frota, Renato Evando Moreira Filho, April M. Beisaw,
F. Donald Pate, Nicholas Márquez-Grant, Martha Judith
Hernández Velasco, Allysson Allan de Farias e Manoel
Odorico de Moraes Filho... 124 ►



Arqueologia do Isolamento
Sênior: ética, memória e
metodologias de registo | Tânia
Casimiro, João Sequeira, Joel
Santos, Susana Henriques e
Vanessa Filipe... 131 ►

PATRIMÓNIO



Os Guadamecis no Palácio da
Inquisição, no Rossio Lisboeta,
em Inícios do Século XVII |
Franklin Pereira... 148 ►

Da Consagração Arqueológica à
Decadência Intelectual: porque escrevemos
o óbvio? | Joel Santos, Susana Pacheco,
João Sequeira, Tânia Casimiro, Afonso Leão
e Ricardo Coelho... 141 ►

NOTICIÁRIO ARQUEOLÓGICO

Um achado fortuito na Fundação de
Serralves | Rui Pinheiro... 156 ►
Monte da Salsa / Salsa 1 (Brinches, Serpa):
um novo complexo religioso? | Marco Valente e
Maria João Marques... 159 ►
Dois Prováveis Monumentos Megalíticos Inéditos?
(União de Freguesias de Salvador e Santa Maria da
Feira, Beja) | Marco Valente e Agustín
Ortega-Esquina... 163 ►

EVENTOS

Workshops 50Layers | Cristina Gameiro,
Sérgio Gomes, Rui Gomes Coelho, Sara Simões,
André Tomás Santos e Sara Cura... 165 ►
ArqueoLoci em 2026: iniciativas para a
valorização do turismo arqueológico em Portugal |
António Marques, Alexandra Vieira, Sofia
Fonseca e Paulo Costa Pinto... 168 ►
Agenda de Eventos... 171 ►

LIVROS & REVISTAS

Retrato, vós não sois meu! | José d'Encarnação... 172 ►
Novidades editoriais... 173 ►

Retrato, vós não sois meu!

José d'Encarnação

[Catedrático de História, aposentado, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra]

Por opção do autor, o texto não segue as regras do Acordo Ortográfico de 1990.

Ao celebrarmos mais um centenário de Camões, pouco nos preocuparemos em saber como ele era fisicamente.

Habitados a vê-lo representado com uma venda no olho direito, porque dessa vista cegou numa contenda; testa larga, sinónimo (como se diz) de inteligência, curta cabeleira, bigode e pêra, qual era costume então, camisa de folhos a dar-lhe a dignidade nobre... decerto jamais nos preocupámos a levantar a questão: que retrato é esse do nosso vate? Imaginado ou real? Houve, um dia, alguém que lhe pediu que pousasse para o retratar na tela? A questão não se terá levantado, porque o importante é a obra – tanto lírica como heróica – e se Luís Vaz de Camões tinha 1,65 m ou mais de altura, a sobranceira carregada ou o nariz afilado constituem, de facto, aspectos deveras secundários.

Confesse-se, porém, que neste centenário importaria levantar a questão. Foi o que fez a historiadora de Arte Doutora Raquel Henriques da Silva, quando se decidiu a analisar toda a documentação disponível a esse respeito, com amplíssima colaboração das mais variadas entidades museológicas e não só: *Retrato, vós não sois meu!* – um livro bonito, como não podia deixar de ser, editado pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda em Junho de 2025, que tem como subtítulo *Retratos e Autorrepresentações sobre o Corpo de Camões com um Prolongamento a Fernando Pessoa*.

Trata-se do resultado da investigação, ora revisto, que a autora apresentou, a 26 de Junho de 2018, nas provas para obtenção do grau de Agregada em História da Arte na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. O «fascinante assunto» interessou-a tanto que confessa ser possível ainda voltar a dele se ocupar. Vamos esperar que sim. Aliás, já eficazmente complementou a exposição de livros que José Augusto Cardoso Bernardes estudara para a *Camoniana* de D. Manuel II, apresentada, em 2015, na galeria da Fundação Calouste Gulbenkian.

Começa-se pelo retrato de Camões, gravura de A. Paulus para o livro, de Manuel Severim de Faria, *Discursos Vários Políticos* (Évora, 1624), que apresenta bem curiosa legenda à boa maneira latina, que traduzo: «Consagrada às Musas e à Posterioridade.

A LUÍS DE CAMÕES, cavaleiro lusitano, celeberrimo poeta, aluno enciclopédico das Humanas Letras pelas delicias das Graciosas Musas e também obsequiado pelos favores da pacífica Palas, no qual muito feliz engenho e adversa Fortuna combateram. GASPAS SEVERIM de Faria deu e dedicou a verdadeira efigie, gravada em placa de bronze para que quem já o orbe ocupou pela fama, pela presença ilustre» (p. 14).

E se, na pág. 16, Raquel Henriques da Silva, como que em jeito de universal desafio, reproduz o bem curioso desenho colorido de Olivia Denisse, de 8 anos, a representar Camões, em 2024, o certo é que a sua análise se desdobra eloquentemente pelas páginas seguintes, com elevada sabedoria e a dar conta de que, afinal, essa ideia de termos um retrato fiel de Luís de Camões constitui, de facto, se não uma utopia, pelo menos dela não ficaremos muito longe.

«Camões pintado» é, no fundo, o tema principal da obra. Demora-se a autora em Domingos António de Sequeira, autor da tela «A Morte de Camões», situando-o no seu tempo; atenta nas «Variações camonianas de Francisco Metrass» e na obra «Camões e as Tágydes», de Columbano Bordalo Pinheiro, para concluir, de certo modo, esse panorama com a explicação da tela, de António Carneiro (1872-1930), «Camões lendo Os Lusíadas aos frades de S. Domingos».

Escreve, por exemplo, em relação à referida tela de Domingos Sequeira: «O velho morrente de Sequeira é Camões transmutado em símbolo da crueldade da História – que, em 1580, deixou morrer na miséria quem lhe inventara a imortalidade mítica – e da morte da Pátria que [...] ele acabara de saber que se afundara em Alcácer-Quibir. [...] O quadro era símbolo também do funesto presente em que Portugal mais uma vez estava ameaçado de morte e expulsava os que se haviam empenhado na sua regeneração. Por isso, aquele Camões é uma espécie, eventualmente involuntária, de autorrepresentação do próprio Sequeira, que vivera aventurosamente a “mudança dos tempos” servindo Junot, sendo preso por isso, celebrando a constituição e os Constituintes, afinal empurrado para um exílio de onde não voltaria» (p. 37-38).



FIG. 1

SILVA, Raquel Henriques (2025) – *Retrato, Vós Não Sois Meu! Retratos e Autorrepresentações sobre o Corpo de Camões com um Prolongamento a Fernando Pessoa*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda. 96 pág. ISBN: 978-972-27-3252-9.

E, mais adiante (p. 47), Raquel Henriques da Silva perora: «[...] Rememorando a decadência da Pátria e a morte de Camões, pobre e abandonado, Sequeira e Garrett dotavam de dimensão mítica o sacrifício deles próprios, obrigados a exilar-se, fugindo de uma Pátria que resistia à Revolução Liberal».

Sobre Francisco Metrass (1825-1861), cumpre dizer que estanciou em Paris em 1845, 1847 e 1853, tendo pintado, em 1855, o quadro «Inês de Castro presentindo os assassinos», actualmente no Museu Nacional de Arte Contemporânea, em Lisboa. Sugere a autora (p. 52) que «a descoberta de Camões» terá então acontecido em Paris. Tal descoberta e esse quadro devem, a meu ver, relacionar-se com as litografias dessa data referentes à vida de Inês de Castro – uma delas mostra mesmo os assassinos atrás dum reposteiro, à espera que D. Pedro a deixe só – patentes no Solar de Pancas, em Alenquer¹.

«Se Sequeira representou a morte de Camões como dupla morte da Pátria (em 1580 e em 1823) e Metrass se apropria do seu corpo e do seu rosto autorretratando-se nele,

¹ Ver ENCARNÇÃO (José d'), «Amor de perdição», *Duas Linhas*, 2026-06-02. Disponível em <https://tinyurl.com/7pja68pm>.

Camões e as Tágydes (1894), de Columbano Bordalo Pinheiro (1857-1929), introduz questões bastante diversas», acentua a autora (p. 56), porque as comemorações do III Centenário da Morte de Camões, em 1880, vão enaltecer um Camões épico, susceptível de ajudar a erguer o País em prol da regeneração da Pátria, pois, recorde-se, a posse das colónias de África estava

ameaçada «por países mais poderosos». Assim, o Camões que se diverte com as Tágides é mostrado num ambiente que reflecte, sem dúvida, o célebre *Déjeuner sur l'Herbe*, de Édouard Manet (1863) e «Columbano representa Camões como um alter ego capaz de deslocalizar o presente, enriquecendo-o com uma dimensão mítica que o compensava das insuficiências do tempo prosaico e ameaçado que lhe era dado viver» (p. 62).

Numa altura em que o Museu de Artilharia (hoje, Museu Militar) se tornou, de certo modo, «um elo fundamental do culto camonian», José Malhoa (1855-1933) foi convidado a compor seis telas. Destaca Raquel Henriques da Silva o retrato de Camões, pela primeira vez, «de pé e corpo inteiro», «traje de fidalgo da época» (p. 65). E, segundo a historiadora, há «semelhanças» entre o Camões de Malhoa e o de Columbano: «Ambos são fortes presenças masculinas, transbordando de energia física e erótica» (p. 71).

De António Carneiro (1872-1930) se ressalta o quadro *Camões lendo os Lusíadas aos frades de S. Domingos* (fig. 26, p. 74), que Raquel Henriques da Silva relaciona com a inauguração, em 1925, do espaço autónomo em que o pintor passou a trabalhar, uma verdadeira «oficina».

Confessa a historiadora, no Epílogo, que, em relação aos retratos de Camões, lhe interessou compreender como cada um dos pintores «se autor-representa», «de que modo Camões foi, para os pintores seleccionados, uma espécie de alter ego, numa conversa íntima e numa relação profícua “com os destinatários” da obra» (p. 78).

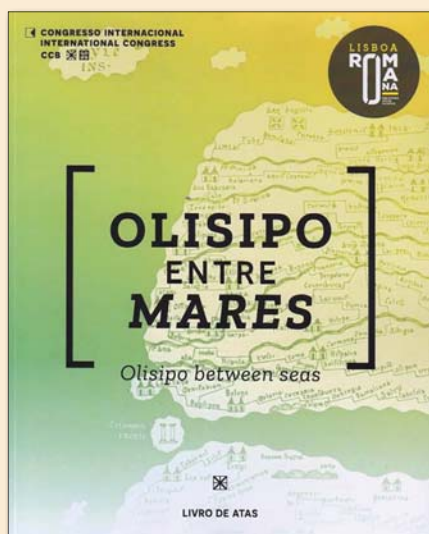
Termina, de certo modo, Raquel Henriques da Silva a sua incursão pela análise de um outro retrato, o de Fernando Pessoa por Almada Negreiros, referindo – em contraposição, digamos assim, ao que analisou sobre os vários retratos de Camões – que «o que Almada fez foi esvaziar o rosto de carne, torná-lo um invólucro cismador em que os óculos, o bigode, o laço e o chapéu foram tornados ícones de motivos reais. Em conjunto, participam na absoluta desrealização do poeta que não teve corpo» (p. 81). Na verdade, real ou não, o retrato mais divulgado de Camões continuará a ser o que, no século XIX, Luís de Resende executou, a sanguínea, a partir de original de Fernão Gomes, que se representa na contracapa desta obra (Fig. 2).

Obra de que se deu aqui mui pálida ideia do seu real interesse histórico, susceptível (espera-se) de que incite à sua leitura atenta – que bem merece. 

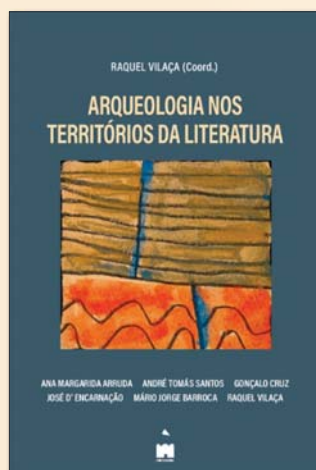


FIG. 2

novidades



ARRUDA, Ana Margarida; TENTE, Catarina; SILVA, Rodrigo Banha da e NOGALES, Trinidad (coord. cient.) (2025) – *Olisipo Entre Mares*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa (Congresso Internacional. Livro de Atas).



VILAÇA, Raquel (coord.) (2026) – *Arqueologia nos Territórios da Literatura*. Textos de Ana Margarida Arruda, André Tomás Santos, Gonçalo Cruz, José d'Encarnação, Mário Jorge Barroca e Raquel Vilaça. Coimbra: Lápis de Memórias.



OLIVEIRA, Jorge de; ROCHA, Leonor e ALMEIDA, Nelson (eds.) (2026) – *Conservação e Recuperação de Monumentos Megalíticos: nos 30 anos da re-ereção do Menhir da Meada* (Castelo de Vide). In memoriam Victor S. Gonçalves. Évora: Câmara Municipal de Castelo de Vide / Universidade de Évora (Seminário Internacional. Livro de Atas). <https://tinyurl.com/v6ya23wv>